

TEORIA CRÍTICA, PSICANÁLISE E CRISE DEMOCRÁTICA: UMA LEITURA DO POPULISMO DE DIREITA.

*Critical theory, psychoanalysis, and democratic crisis: a reading of right-wing
populism*

Wanderson Barbosa dos Santos^{1*}

RESUMO

Neste ensaio, analiso o problema do populismo contemporâneo abordando temas como as massas, o líder populista e as plataformas de identificação. O ensaio se baseia na contribuição, por um lado, da teoria crítica da sociedade de Adorno, Horkheimer e Neumann e, por outro lado, na psicanálise de Freud. O texto está subdividido em três partes: 1) conceitualização do populismo contemporâneo a partir da recente produção sobre o tema; 2) retomada dos escritos da teoria crítica e da psicanálise sobre a teoria das massas e das identificações; 3) um olhar mais circunscrito para o papel dos sentimentos de angústia e ressentimento na formação das identidades populistas de direita. Portanto, destaco os aspectos essenciais presentes nos movimentos populistas atuais, tal como, a tendência ao autoritarismo, o personalismo, a imposição de uma política emotiva e a tendência à distorção dos ritos democráticos.

Palavras-chave: Populismo; autoritarismo; Teoria crítica da sociedade; psicanálise; Teoria das identificações.

ABSTRACT

In this essay, I analyze the problem of contemporary populism by addressing issues such as the masses, the populist leader and the identification platforms. This examination is based on the contribution, on the one hand, of the critical theory of Adorno, Horkheimer and Neumann and, on the other hand, on Freud's psychoanalysis. The text is subdivided into three parts: 1) conceptualization of contemporary populism from the recent production on the subject; 2) resuming the writings of critical theory and psychoanalysis on theory of masses and identifications; 3) a more circumscribed look at the role of feelings of anguish and resentment in the formation of right-wing populist identities. Throughout the study, therefore, I highlight the essential aspects present in the current populist movements, such as the tendency to authoritarianism, personalism, the imposition of an emotional politics and the tendency to distort democracy.

Keywords: Populism; authoritarianism; Critical Theory of society; psychoanalysis; Theory of identifications.

^{1*} Universidade de Brasília. Doutor em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Tem como campo de interesse a área de Sociologia e pesquisa temas como: teoria crítica da sociedade, sociologia da educação, educação das relações étnico-raciais e sociologia da literatura. E-mail: wanderson_santos@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1084-3557>.

1. INTRODUÇÃO

As formas de organização da sociedade em rede, a transformação da política em performance nas redes sociais e a apropriação dos afetos como meio de identificação são problemas que, combinados, emergem como aditivos para a pesquisa no campo da política. Nesse cenário desafiador, formas antigas de organização permanecem, porém, com roupagens estilizadas a partir de novos modos de organização política contemporânea. O populismo é uma dessas formas de organização que reaparece no século XXI, fortificado a partir das plataformas de identificação em rede. A proposta deste estudo consiste em analisar a ascensão dos governos populistas de direita sob a perspectiva da teoria crítica da sociedade e da psicanálise. O objetivo do ensaio é refletir a partir das contribuições teóricas de autores como Sigmund Freud, Theodor W. Adorno e Franz Neumann e conceitos como a psicologia das massas, o papel do líder no populismo e a identificação.

Do ponto de vista da delimitação desta reflexão, o objeto essencial da análise é CONSIDERAR pensar o fenômeno do populismo de direita com viés autoritário recente como um sintoma da crise democrática e, nesse sentido, pensar os elementos subjacentes ao avanço do populismo a partir de uma reflexão em teoria crítica e psicanálise. Nos termos da teoria crítica, o mote do artigo é, portanto, a crise da democracia e a maneira como os governos populistas de direita ensaiam protótipos de formas de governo pautadas por um ideal de autoritarismo. A constelação reflexiva na qual o populismo de direita se insere inspira um conjunto de atributos para o fenômeno. O populismo de direita se define como uma forma de administração da política que instrumentaliza o medo das mudanças sociais como aditivo para o engajamento de uma visão de “conservadorismo”. É, portanto, baseado na construção de um outro, rival, opositor-inimigo que representa o medo das massas que preenchem o populismo. O líder carismático administra identidades genéricas como a ideia de “nação” e “cidadãos de bem” para aglutinar um espírito de coesão. Ao adentrar no poder, o populista de direita flerta constantemente com a deslegitimação das instituições que ele mesmo utilizou para se eleger; assim, corrói a democracia por dentro, a saber, aparelhando as instituições e concentrando o poder em uma postura de centralização. Em um sentido específico de um laboratório de administração política, o populismo de direita produz um significado de fazer política a partir de ideais de ressentimento, desesperança e medo. Ao acirrar o clima da sociedade, o populismo de direita avança contra à democracia e coloca tensões nas instituições democráticas.

A história recente da política no Brasil e nos Estados Unidos serve como panorama para as reflexões teóricas deste ensaio. O governo de Jair Bolsonaro no Brasil e de Donald Trump nos

Estados Unidos mostram uma espécie de laboratório de uma forma de administração política municiada pelas plataformas de identificação populista. Como a história recente também mostra, as instituições democráticas demonstraram certa resiliência diante das investidas do populismo de direita de viés autoritário. Essa resiliência foi evidente, sobretudo, nas tentativas de golpe como na invasão do Capitólio em janeiro de 2021 e nos ataques de 8 de janeiro de 2023, quando grupos terroristas invadiram os prédios dos três poderes em Brasília. As tentativas de golpe ocorridas nos Estados Unidos e no Brasil sugerem um novo capítulo para a experiência política contemporânea, em que o populismo emerge na equação como um fator de eclosão da democracia liberal. O cenário de crise democrática impõe tanto a elaboração de novas formas de organização política de inclusão e reconhecimento dos sujeitos vulneráveis às investidas do populismo, como também, ensaia novas formas de interpretar a realidade em sua complexidade e dimensões afetivas, políticas, estéticas, culturais e simbólicas. Neste ensaio, iremos elaborar a reflexão do populismo em uma dimensão teórica que, naturalmente, aproxima-se da realidade na medida em que a elaboração reflexiva ancora-se no vivido, isto é, nos documentos das experiências históricas.

Da relação entre teoria crítica e psicanálise no pensamento de Adorno, pretendemos extrair os elementos críticos que iluminam a experiência histórica contemporânea. Assim sendo, os ensaios sobre os aspectos essenciais da propaganda, da performance do líder, da produção do Outro no fascismo e os aspectos do radicalismo de direita, se apresentam como primordiais para uma compreensão da história presente. Os escritos de Adorno estabelecem correspondências fundamentais com o olhar crítico da psicanálise de Sigmund Freud, sobretudo, no que diz respeito ao papel de uma psicologia das massas.

O populismo de direita de viés autoritário impulsiona rupturas com as instituições que alicerçam a democracia, avança sobre a liberdade da imprensa e questiona o reconhecimento das minorias eleitorais como agentes públicos. Embora o populismo seja um conceito polissêmico, neste ensaio o pensamos como uma forma de administração da política a partir da polarização e o agenciamento de pautas morais e do conservadorismo como aditivos políticos. As experiências recentes do populismo de direita de viés autoritário no Brasil e nos Estados Unidos vêm sugerindo a necessidade de elaborarmos reflexões críticas para compreender como tal forma de administração da política adentra ao cenário da esfera pública como sintoma da crise do modelo de democracia liberal. Contemporaneamente, os ataques às instituições partem de posições nacionalistas, tradicionalistas e negacionistas, como vimos no cenário do Brasil e dos Estados Unidos em governos recentes.

Tendo em vista o objetivo central deste texto, subdividimos a reflexão em três partes: 1) No primeiro momento, definimos a ideia de populismo contemporâneo a partir do exame da produção mais recente sobre o assunto; 2) Num segundo momento, retomamos os escritos de Theodor W. Adorno, Sigmund Freud e Franz Neumann sobre psicanálise e fascismo para analisar uma estrutura que aproxima a relação entre as massas e as performances dos líderes com um contorno moderno do populismo contemporâneo; 3) Na etapa conclusiva do estudo, defendemos como o programa de pesquisa da teoria crítica da sociedade, sobretudo a vertente adorniana, se mostra aberto para uma agenda de reflexão sobre a mobilização de sentimentos na política contemporânea.

2. O POPULISMO MAIS RECENTE

As análises do populismo contemporâneo tomam o ano de 2016 como marco para a ascensão de um populismo de direita no mundo. Além da eleição de Donald Trump, o referendo de saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*) também é creditado como resultado de uma política populista. No Brasil, o governo de Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, também congrega características de um populismo de direita que visa administrar a ideia de “povo” para avançar com um projeto de poder centralizador e autoritário. Em sua conceitualização do populismo, Simon Tormey (2019) sublinha que o medo das transformações sociais e o ressentimento de avanços progressistas mobilizam movimentos de massas com características semelhantes. Baseados na centralidade da noção de “povo”, os movimentos populistas se apresentam como agrupamentos políticos relativamente estáveis que congregam união a partir de ideias como unidade étnica, classe social e a “nacionalidade”. Para Tormey, o populismo nasce a partir de polarizações como “povo” contra “sistema”, “povo” contra “elites”, “povo” contra “*establishment* político”; possuem assim sua emergência dependente de uma percepção de crise². Ainda segundo o autor, os movimentos populistas têm outra dependência: o líder carismático. A submissão à liderança carismática mobiliza as massas para uma política emotiva. Segundo Tormey, o populismo se define como uma política emotiva no qual a linguagem do conflito e da rivalidade entre grupos sociais é de fundamental importância para a criação de uma identidade do movimento (Tormey, 2019).

² Samir Gandesha (2018) apresenta em detalhe o uso desses antagonismos no populismo. Sendo o populismo uma forma política que pode ser tanto de esquerda, como de direita, destaca o autor as diferenças nos personagens a serem postos em disputa. Para ele, tanto direita como esquerda dirigem os anseios da vontade popular no que chamam de “povo”, embora, haja uma tendência da direita a dirigir sua oposição a grupos estrangeiros, tal como, os refugiados, imigrantes e organizações internacionais. O populismo de esquerda, por sua vez, tende a antagonizar com os agentes de mercado e as estruturas econômicas da sociedade numa síntese do “povo” contra o “capital”. Nesse sentido, o estudo de Gandesha (2018) é relevante para o olhar dessa nuance do populismo em seus diversos espectros políticos, sobretudo, na construção de adversários “personalizados” a depender da filiação ideológica do populista (Gandesha, 2018).

Uma das vertentes do populismo, o nacional populismo, encontra na ideia de identidade nacional e cultural os elementos de coesão para a ascensão dessa forma de política. Eatwell e Goodwin (2018) no livro *Nacional populismo - a revolta contra a democracia liberal*, argumentam que o populismo nacionalista tem como característica fundamental uma rejeição ao mainstream político, vistos como não representativos e desalinhados com o que seria o “interesse nacional”. No cenário recente, o nacional populismo tem forte apelo nos grupos de desempregados, nas classes médias conservadoras e entre os profissionais liberais. Para os autores, a vertente do nacional populismo se conforma como uma ideologia que prioriza as noções de cultura e nação, baseadas numa ideia abstrata de vontade popular das pessoas comuns em oposição às elites políticas corruptas (Eatwell; Goodwin, 2018).

Os atributos desse populismo contemporâneo são, portanto: alicerçados em noções políticas de “povo” e “nação”, baseados numa unidade emotiva no ressentimento, polarização “povo” contra a política, o sistema e as elites, a dependência de líderes carismáticos, política emotiva e uma linguagem do conflito. Tormey (2019) e Eatwell e Goodwin (2018) observam que a eleição de Donald Trump como presidente do Estados Unidos e o referendo do *Brexit* se encaixam nos critérios tanto de política populista como nacional populista. Para os autores, esses dois casos são representativos de uma ascensão global do populismo.

Num sentido de crítica ao populismo, a recepção ao trabalho de Chantal Mouffe a respeito da necessidade de formação de um populismo de esquerda, ou seja, uma ideia de populismo que se condicione por atributos e valores de inclusão de justiça social é particularmente complexa quando olhamos as distorções da democracia produzidas pelo populismo. Na crítica à defesa de estratégias populistas de esquerda por Chantal Mouffe, Harcourt (2019) relembra que o populismo como forma política é inerentemente anti-pluralista e excludente. Quando o populismo alcança o poder, sublinha Harcourt, ele tende a “distorcer a democracia na prática” (Harcourt, 2019, p. 356). Essa tendência ao autoritarismo no populismo é decorrente da personalização do poder na figura do líder e do concomitante enfraquecimento das instituições da democracia (Harcourt, 2019).

Seyla Benhabib (2019), por sua vez, sublinha que, embora o populismo tenha sido mobilizado tanto pela esquerda como pela direita, em sua configuração ele se mostra “incompatível com as liberdades democráticas e abre caminho para o autoritarismo.” (Benhabib, 2019, p. 378). A suposta soberania do “povo”, em uma sociedade democrática, significa a imposição de uma maioria eleitoral particular. Para Benhabib, a aparente legitimidade do “povo” distorce a contemplação das

liberdades individuais das minorias eleitorais, no qual ficam entregues ao aparelhamento das instituições nos governos populistas (Benhabib, 2019).

A questão do aparelhamento das instituições nas democracias liberais deve ser analisada em mais um aspecto. Para Levistky e Ziblatt (2018) a destruição democrática atual inicia-se, de forma contraditória, no próprio processo eleitoral, quando políticos descomprometidos com valores democráticos acessam espaço de poder e minam a credibilidade e o poder das instituições. A via eleitoral do colapso democrático, portanto, se baseia na deslegitimação das instituições democráticas com base no apoio popular. Seguindo o argumento dos autores, o populista tende a uma prática autoritária (Levistky; Ziblatt, 2018)

Que tipo de candidato tende a dar positivo no teste do autoritarismo? Com grande frequência, os *outsiders* populistas. Populistas são políticos anti-*establishment* - figuras que, afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como elite corrupta e conspiradora. Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos. Eles dizem aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. (Levistky; Ziblatt, 2018, p. 35).

O populismo, portanto, em sua tendência autoritária se mostra como um problema para as democracias atuais, na medida em que, limitam e tornam impotentes as instituições democráticas e valores como a liberdade de imprensa e os direitos das minorias. A centralização do poder na figura do líder, nesse sentido, incentiva um tipo de política que corrói os alicerces da democracia, especificamente, a partir do enfraquecimento das instituições do Estado.

Desse ponto de vista, Abromeit (2017) indica que a perplexidade anotada pelos especialistas de uma nova ascensão do populismo pode ser remediada com um olhar mais detido à produção da teoria crítica sobre as experiências autoritárias no século XX. O autor sublinha que o populismo de direita, nos textos da teoria crítica, aparece como formas extremadas que podem desembocar no fascismo ou em outras formas de autoritarismo. De acordo com Abromeit (2017), as transformações ocorridas entre 1980 e 1990 e adoção de políticas neoliberais rigorosas acentuaram os níveis de desigualdade e desemprego. Em um cenário de pauperização crescente do trabalho e de crises econômicas (tal como a de 2008), criou-se um solo fértil para a via populista nos EUA (Abromeit, 2017).

No caso do populismo mais recente, Abromeit (2017) sublinha o papel da desesperança e do ressentimento como aditivos para as massas aderirem ao discurso populista. No caso dos EUA, coube ao líder apreender tais sensações e apontá-las na forma discursivo-propagandística:

Trump joga com este tipo de ressentimento populista e anti político quando afirma repetidamente em seus discursos que o sistema político atual é corrupto, mas que ele, como um indivíduo, tem os meios não apenas para reverter o lamentável declínio dos Estados Unidos, mas para fazê-lo rapidamente (Abromeit, 2017, p. 32).

A performance do líder como agente da antipolítica faz parte da composição da mais recente ascensão populista. Rensmann (2018), em um estudo sobre os atores populistas nas democracias europeias, destaca que a característica de oposição ao establishment político se mostra como uma importante dimensão da propaganda do populismo ascendente, combinando-se com uma ideia de “rebeldia” contra o sistema, vistas sobretudo pelo desprezo e pelo rompimento com os ritos democráticos (Rensmann, 2018).

No atual cenário brasileiro, um populismo de direita se elegeu a partir de bandeiras neoconservadoras e por uma suposta agenda anti-*establishment*. Embora seja lido como um *outsider* por parte da população, o presidente eleito em 2018 tem, na verdade, uma trajetória política inerente às últimas duas décadas do Brasil redemocratizado. Do ponto de vista performático, isto é, uma forma de exposição teatral, o populismo reúne as possibilidades de transmitir uma aparência de “novidade”, quando de fato está ligada a ordem e a elite política.

Sobre as questões do neoconservadorismo e da “renovação” política, alguns estudos recentes iluminam tais aspectos. No livro *O novo conservadorismo brasileiro*, Marina Basso Lacerda (2019) apresenta uma análise sobre as afinidades entre a agenda conservadora no Brasil e a dos EUA. De acordo com Lacerda (2019), o movimento neoconservador se organiza numa oposição a pautas ligadas ao feminismo e à questão de gênero. Também se congregam em pautas punitivistas e de oposição ao suposto “comunismo” no século XXI, especificamente em oposição à Cuba e à Venezuela. Esse movimento neoconservador, que começa a ser gestado ainda antes da eleição de 2018, destaca a autora que se congregou em torno do nacionalismo de direita com suas alianças com o crescente grupo de políticos evangélicos de deputados ligados ao campo do punitivismo³ (Lacerda, 2019).

No que diz respeito à questão da renovação política, a pesquisa de Jairo Nicolau (2020) sobre as eleições de 2018 mostra uma clara oposição de parte significativa do eleitorado por

³ O populismo neoconservador de Jair Messias Bolsonaro se modificou, como lembra Lacerda (2019) às vésperas da eleição. A autora sublinha uma virada no discurso a partir de abril de 2018 quando então se dá o início da campanha presidencial. Numa análise dos discursos do então deputado no período entre 2000 e 2018, destaca a autora: “Ao longo dos dezoito anos estudados não há menções relevantes a temas como saúde (a maior parte de referências ao tema e ao plano e ao fundo de saúde dos militares), saneamento, educação (exceto em relação ao “*kit gay*”), transportes, cultura e infraestrutura. Sobre agricultura, parte de suas intenções é contra o MST e contra demarcações de terras indígenas. Quanto aos projetos sociais, Bolsonaro basicamente sempre foi contra ações que atendessem aos pobres. O político foi contra o *Bolsa Escola*, o *Fome Zero* e o *Bolsa Família*, e defendia o *Bolsa Família* apenas no caso de laqueadura e vasectomia.” (Lacerda, 2019, p. 186).

partidos identificados como tradicionais e uma transformação das formas de acesso à propaganda política. No contexto brasileiro, a ideia de renovação se confunde com a noção disseminada de rejeição à política, especificamente uma oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT): “Entre os antipetistas, a proporção de votos do candidato do PSL no segundo turno foi de cerca de 95%.” (Nicolau, 2020, p. 86). Com tempo reduzido de horário eleitoral na TV e rádio, o candidato do Partido Social Liberal (PSL) contrapõe esse período de propaganda com um forte engajamento de seus apoiadores nas redes sociais. Além disso, como apresenta Nicolau (2020), Bolsonaro tem uma expressiva votação nas faixas de escolaridade alta, porém, surpreendendo ao vencer também entre os eleitores de baixa e média, antigo eleitorado do partido rival nas eleições de 2018. Para além disso, o eleitorado de Bolsonaro é marcado pela preferência do eleitorado masculino e pela mobilização de lideranças religiosas, sobretudo neopentecostais a seu favor, que Nicolau aponta como: “Uma das hipóteses sobre a opção dos evangélicos por Bolsonaro é a existência de uma afinidade em relação ao conservadorismo no campo comportamental.” (Nicolau, 2020, p. 75).

Ainda sobre as recentes publicações, o livro de Benjamin R. Teitelbaum (2020) intitulado *Guerra pela eternidade*, acrescenta elementos importantes para uma reflexão sobre a ascensão mais recente da direita populista. Para o autor, a direita populista emergente atua em um plano de diálogo com correntes do tradicionalismo que se definem como críticas às transformações da modernidade. No tradicionalismo que, segundo Teitelbaum, aparece como fonte teórica dos pensamentos de Steven Bannon e Olavo de Carvalho, a modernidade é uma etapa da história regressiva. Para eles, a política deve propiciar uma espécie de “renascimento” e encontram nos novos movimentos da direita populista pois possibilita uma oposição aos ditos “globalismo”, às sociedades modernas e aos movimentos progressistas, vistos por eles, sob o sinal da corrupção do tempo presente (Teitelbaum, 2020).

O tradicionalismo declara a sociedade moderna sem sentido, com o argumento que nossos Estados e nossas comunidades se baseiam cada vez mais apenas na economia e na formalidade burocrática, não na cultura e na espiritualidade. Suas teorias de inversão oferecem justificativas teológicas e escatológicas para a rejeição a instituições que forneçam conhecimento sobre o mundo em que vivemos, ou seja, as universidades e a mídia. (Teitelbaum, 2020, p. 248)

A partir da análise da recente ascensão do populismo, os estudos mencionados contribuem na composição de uma constelação de características do fenômeno. Nesse sentido, o populismo contemporâneo se apresenta como um movimento de massas no qual a figura de um líder carismático congrega as expectativas de uma transformação radical da sociedade. O líder, por sua vez, assume uma performance rígida, atinada aos afetos dos movimentos que lhe apoiam. O uso da linguagem do conflito acirra as divisões entre a identidade coletiva (massa) e o outro (minorias

eleitorais e étnicas, oposição política, direitos humanos, etc.). O populismo, assim, é uma linguagem política da polarização emotiva. Quando dentro do poder a centralização líder (personalismo) enfraquece as instituições que sustentam a democracia. Faz parte também do script do populista autoritário a tentativa de solapar a credibilidade de instituições de conhecimento (universidades) e debilitar os alicerces da imprensa livre.

3. POPULISMO E A CORROSÃO DA DEMOCRACIA - TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE

A partir da contribuição de Sigmund Freud, Theodor W. Adorno e Franz Neumann, tecemos algumas considerações sobre o populismo. Esses autores contribuem para uma compreensão aprofundada da relação de comunicação entre líder e massa, sobretudo sob o viés de uma relação de dominação e imposição da autoridade. No ensaio escrito em 1921, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud destaca a importância de uma teoria da identificação para a compreensão do momento da relação do indivíduo com os grupos sociais. Nesse aspecto, o escrito de 1921 é uma importante fonte de diálogo com a teoria crítica de Adorno, que propõe dessa relação os elementos para a reflexão sobre o fascismo moderno. O texto de Freud, escrito poucos anos após o final da Primeira Grande-Guerra (1914-1918), indica características da formação das massas e a sua mobilização através dos sentimentos.

Algumas características das massas presentes em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* de Freud (2011) são interessantes para pensarmos a mobilização dos sentimentos no populismo: impulsividade, volubilidade, a reação aos impulsos imediatos e ao atendimento célere dos desejos e o sentimento onipotência. Para Freud, tais condições aparecem particularmente em momentos em que os indivíduos são dominados pelas forças contagiantes da atuação em massa. As massas são influenciáveis, sobretudo quando a afetividade é apropriada para os extremos, por exemplo, como é o caso do ódio. Nesse sentido, as massas se afirmam em sua condição de movimentos de reação. Ao apontarmos o elemento de sugestibilidade, vale lembrar: a massa é influenciável a partir de um tipo específico de líder que, para Freud (2011), são aqueles que se vestem com "heróis" fortes e imponentes e que não exitam na utilização de meios violentos para a proteção e revivescência da tradição.

Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa. (Freud, 2011 [1921], p. 27).

Desdobra-se do argumento de Freud que os movimentos de massa possuem uma tendência à sugestionabilidade de líderes que mobilizam sentimentos extremos. Nessa leitura do fenômeno, a massa toma um contorno específico de liberação de seus impulsos mais extremados. O líder compatível com essa situação é aquele que corresponde às características pessoais dos indivíduos na massa, mas, sobretudo “Ele próprio tem de estar fascinado por uma forte crença (numa ideia), para despertar a crença na massa;” (Freud, 2011 [1921], p. 30). A ideia de despertar no pensamento de Freud, no contexto do argumento de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, sugere uma dimensão da formação das massas que não é a da espontaneidade de uma reação. Ela pode emergir da manipulação da economia libidinal das massas, especificamente, a partir de sentimentos simples e exaltados nos quais não cabem reflexões e mediações aprofundadas com a realidade.

A mobilização dos sentimentos da massa, nesse sentido, é o elemento central para pensarmos as orientações e os desdobramentos da formação dessas associações entre indivíduos, tal como, seu papel no populismo. Se o cimento que dá liga ao conjunto de individualidades na massa é o da aversão às transformações e o desejo de conservação da tradição, devemos pensar quais elementos atuam como “gatilho” para o despertar da massa. Nesse aspecto, os escritos de Adorno sobre a psicanálise são importantes, sobretudo ao retrabalhar a questão do líder e a mobilização dos sentimentos via propaganda. Nos ensaios Antissemismo e propaganda fascista de 1946 e Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista de 1951, encontramos questões e direcionamentos para refletir sobre o papel do líder na sugestionabilidade dos sentimentos da massa.

Num estudo sobre as transmissões radiofônicas com teor antidemocrático e antisemita, Adorno (2015b [1946]) apresenta quais seriam os aspectos psicológicos presentes nessas propagandas de rádio. Para ele, o conteúdo das transmissões se movia num terreno de manipulação psicológica no qual “mecanismos do inconsciente” eram utilizados como forma de sugestionar e convencer o público. Como uma comunicação para a massa, com aquelas características apontadas por Freud, o teor das apresentações versava sobre assuntos que se desacoplavam da realidade objetiva⁴. Um divórcio com a lógica e uma linguagem extremamente emocional são as marcas desse padrão de propaganda direcionada às massas.

⁴ Sobre o divórcio com a realidade objetiva, Freud indica em *Psicologia das massas e análise do Eu* uma predominância da fantasia nas falas direcionadas à excitação das massas. O líder mobiliza a massa para o reino das ilusões, a massa, por sua condição específica, renuncia à complexidade da realidade em busca da simplicidade do extremo. Freud aponta que o descomprometimento com a realidade levam a uma caracterização neurótica e histérica na relação da massa com o real: “Descobrimos que o que vale para os neuróticos não é a realidade objetiva comum, mas a realidade psíquica.” (Freud, 2011 [1921], p. 29).

Ainda no argumento de *Antissemitismo e propaganda fascista*, Adorno (2015b [1946]) sublinha que, da comunicação entre o líder e a massa, emanam três características principais: 1) a imposição de um discurso não objetivo que visa “agitar” o público a partir de uma fala que contemple as expectativas da audiência; 2) baseiam-se na superestimação do movimento que estão inseridos, apontando nessa grandeza o êxito inescapável da realização do destino; 3) a propaganda se materializa como uma própria realização do desejo e a audiência é convidada a compartilhar desse destino comum (Adorno, 2015b [1946], p. 138-140). Desse ramo de características centrais da propaganda para as massas, Adorno acrescenta ainda o uso do “escândalo” e das histórias fictícias para promover a indignação das massas, bem como o direcionamento de críticas aos “fantasmas”, isto é, a personagens imaginários que representam os antagonistas dos sentimentos valorizados pela audiência. Adorno conceitua como irracionalidade aplicada o padrão de distorções planejadas na propaganda fascista, sendo o líder totalitário um vendedor de neuroses e psicoses (Adorno, 2015b [1946], p. 143-144).

Por fim, a propaganda totalitária se baseia na consideração que a massa e o indivíduo não podem decidir racionalmente por si próprios, ou seja, não possuem autodeterminação (Adorno, 2015b [1946], p. 142). Nesse sentido, a *performance* do líder e sua capacidade de administração dos sentimentos são as formas por excelência de mobilização dos sentimentos da massa. Sobre a ideia de performance do líder, Walter Benjamin, em seu ensaio sobre a obra de arte, apresenta um *insight* interessante para pensarmos a crise democrática decorrente da ascensão populista. Em seu escrito da década de 1930, ele assinala uma correlação entre a crise democrática e a crise da condição de exposição do político. Pensamos a estetização da política produzida pelo populismo como uma performance de aparência que assume como “novidade” a instrumentalização da religiosidade e do armamentismo. O alinhamento de uma pretensão visão de mundo cristã (neopentecostal, no caso brasileiro) aliada a uma visão de mundo armamentista compõe uma estética particular do populismo de direita contemporâneo. É uma visão de mundo totalizante no sentido de que não permite contradições e rejeita outras formas de vida. É estético no sentido de que tais visões de mundo se corporificam em uma forma de ser no mundo. No contexto de Benjamin, a ascensão de um modo de fazer política, digamos, *teatralizado*, dirige-se ao intuito de inflamação das massas para fins de dominação e administração. O líder que emerge de modo messiânico para “salvar” a realidade e convoca seus iguais para usar dos valores e das armas para obter a vitória. As experiências com o fascismo nas décadas de 1930 e 1940 são o panorama de Benjamin em sua reflexão. Nossa arena histórica são as tentativas fracassadas de golpe da direita populista nos Estados Unidos e no Brasil. O essencial no populismo hoje é uma teatralização via redes sociais, na medida em que, são redes

de projeção das fantasias golpistas e redes de mobilização a partir de notícias falsas que tensionam o medo da população. A “atuação” do político diante das câmeras, portanto, indica algo que Benjamin já havia observado no fascismo: a “estetização da vida política.”⁵: “Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra.” (Benjamin, 2012 [1935-1936], p. 210).

No pensamento de Adorno na década de 1940, a ideia de teatro político reaparece, dessa vez, para indicar certo desenho de comunicação entre o líder e a massa. A performance histórica dos líderes, nesse sentido, segue determinados rituais de repetição de clichês, incentivo às dicotomias, insinuações sem provas, linguagem religiosa e no uso de *slogans* de violência (Adorno, 2015b [1946], p. 147-152).

“Show” é de fato a palavra certa. A construção do líder auto estilizado é uma performance remanescente do teatro, do esporte e do assim chamado renascimento religioso. É característico dos demagogos fascistas se vangloriar de terem sido heróis atléticos em sua juventude. É assim que se comportam. Eles gritam e choram, lutam com o demônio em pantomimas e tiram seus casacos ao atacarem “aqueles poderes sinistros”. (Adorno, 2015b [1946], p. 145).

No teatro de performances históricas, os líderes autoritários se apresentam como atores. A massa, como público, vislumbra o espetáculo das agitações neuróticas. O líder se digladiava com fantasmas e outros seres imaginários. Vence uma luta em que seus adversários (fantasmagóricos) já foram derrotados de antemão; afinal, o líder encarna a materialização do destino. Nessa trama quixotesca, como mostra Adorno, o relacionamento entre o líder e a massa tende à exaltação dos sentimentos e a um discurso de violência, tal como também sublinha Freud: “Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida e nem incerteza.” (Freud, 2011 [1921], p. 26).

A performance, ou para lembrarmos a definição de Walter Benjamin, “a estetização da política”, é decisiva como fonte de identificação entre o líder populista e suas plataformas eleitorais. A estetização da política confere sentidos concretos às visões de mundo mobilizadas pela direita populista. A massa admira a “autenticidade” presente na exposição teatral do líder, sobretudo se o líder refletir aspectos de angústia e de ressentimento que conferem identidade ao grupo. O

⁵ No argumento do ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin aponta uma oposição entre estetização e politização. Há uma preocupação no ensaio em apresentar conceitos que não sejam apropriáveis pelo fascismo, nesse sentido, o autor se contrapõe à utilização dos novos recursos técnicos na arte que visam estetizar a política, tal como, no cinema de guerra. Ele notou uma proletarianização do fascismo justamente a partir do uso de recursos artísticos que inflamavam sentimento em direção ao apoio fascista. Num sentido específico, Benjamin apresenta uma questão contemporânea: a da guerra cultural. A arte é o centro de disputas por narrativas na modernidade: “Eis a estetização da política, como a prática do fascismo. O comunismo responde com a politização da arte.” (Benjamin, 2012 [1935-1936], p.212).

personagem é o do herói injustiçado, ferido e que busca a redenção de todos aqueles que foram atacados. Nesse sentido, a performance, a apresentação teatral, o “show”, além da função na exaltação das estruturas pulsionais da massa, como bem sublinha Adorno, promove a formação da identidade da massa que é encontrada, especificamente, na propaganda.

Propaganda como Adorno e Horkheimer propõe em *A dialética do esclarecimento*, isto é, como um triunfo da publicidade na indústria cultural norteadas pelo progresso técnico e racionalidade que inserem o indivíduo numa lógica de consumidores de *slogans* e produtos que visam o controle e a padronização da consciência individual. Para os autores, a propaganda é uma das bases da indústria cultural, na medida em que, a partir da criação de modelos genéricos para o consumo, impõem, concomitantemente, uma postura de conformação e “adestramento” do público, da massa ou do consumidor. No contexto da modernidade, a propaganda e a indústria cultural congregam aspectos da ideologia e da dominação racionalizada em seu conteúdo, sem, no entanto, transparecer em sua forma. Tal questão é particularmente sensível quando olhamos para a ascensão do populismo autoritário contemporâneo⁶.

O ensaio *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, de 1951, apresenta outros aspectos que esclarecem as formas de identificação encontradas no diálogo do líder com a massa⁷. Este escrito da década de 1950 carrega consigo as experiências históricas do autoritarismo no século XX. A mobilização da natureza libidinal da massa, nesse sentido, aparenta uma tendência para os aspectos mais destrutivos da civilização. A massa reúne suas forças em direção àqueles que encontram-se “fora” dos padrões que permitem a coesão da horda. Adorno sublinha que o mecanismo que une a libido da massa ao líder é o da *identificação*.

A teoria da identificação freudiana presente no ensaio *Psicologia das massas e análise do Eu* é decisiva para compreendermos os caminhos das massas no populismo. Diz Freud: “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” (Freud, 2011 [1921], pp. 60). No caso em questão, a identificação amplia-se a ponto de

⁶ Destacamos uma ponte entre o pensamento de Adorno e Horkheimer com as teses de Freud, especificamente, sobre a teoria da identificação. O ponto para os autores da *Dialética do esclarecimento* é pensar o modo como as massas se relacionam com uma cultura que tem como atributo essencial apenas o entretenimento e a distração. Novamente, o exemplo do cinema é decisivo, na medida em que apresenta os elementos conformistas de identificação com a cultura racionalizada: “O cinema torna-se efetivamente uma instituição de aperfeiçoamento moral. As massas desmoralizadas por uma vida submetida à coerção do sistema, e cujo único sinal de civilização são comportamentos inculcados à força e deixando transparecer sempre sua fúria e rebeldia latentes, devem ser compelidos à ordem pelo espetáculo de uma vida inexorável e da conduta exemplar das pessoas concernidas. A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros.” (Adorno; Horkheimer, 1985b, p. 143).

⁷ O ensaio em questão é um dos muitos trabalhos em conjunto entre Adorno e Horkheimer, tal como vimos no texto da *Dialética do esclarecimento*.

gerar uma coesão e unidade da massa⁸. A identidade entre o líder e a massa, portanto, constitui um ponto de inflexão sobre o populismo contemporâneo. Adorno (2015c) demonstra que, nos elementos da performance do líder, são gestados e reproduzidos os padrões de mentalidade que excitam as massas em seus impulsos reduzidos de culpabilização do outro⁹.

A relação entre a teoria crítica e a psicanálise de Freud encontra, como propõe Rouanet (1986), uma “interioridade constitutiva” na formação e execução de um programa de pesquisa de teoria social que reconhece a importância dos aspectos psicológicos e da consciência em uma investigação sobre a sociedade moderna. A teoria da identificação é exemplar da interioridade constitutiva entre a teoria crítica e a psicanálise. Nesse ponto, Franz Neumann (2017 [1954]), no ensaio *Angústia e política*, incrementa algumas questões para a teoria da identificação. Elas são importantes para pensarmos o diálogo entre a massa e o líder¹⁰.

Para Neumann (2017 [1954]), a sensação de angústia é um “fantasma” que assombra o mundo. Ela prejudica o indivíduo na medida em que afeta sua capacidade de livre decisão; ou seja, impede o discernimento e, ao promover o sofrimento humano, cultiva um descompasso entre o Eu e a dinâmica das pulsões. Segundo Neumann, a civilização moderna se caracteriza pela presença da angústia como fonte de alienação, sendo um dos elementos decisivos da psicologia humana para responder à questão: “O que faz com que as massas vendam a sua alma a líderes e os sigam cegamente?” (Neumann, 2017 [1954], p. 117).

⁸ Vale sublinhar que Adorno retoma os aspectos de violência e força que as massas almejam em seus líderes. No entanto, a imagem de força deve ser balanceada com um aspecto ordinário, que Adorno chama da ideia de pequeno grande homem: “Embora apareça como super-homem o líder precisa, ao mesmo tempo, apenas o milagre de aparecer como uma pessoa mediana, tal como Hitler posava como a união de King Kong e barbeiro suburbano.” (Adorno, 2015c, p. 179)

⁹ No capítulo *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985a) apresentam os aspectos estruturais da culpabilização do “Outro” na modernidade capitalista. Uma das patologias do mundo burguês, para os autores, é que a dominação “elege” determinados grupos para torná-los inimigos, como bem assinalado no caso dos judeus na Alemanha da década de 1930. Esse processo é decorrente de um trabalho da construção do “Outro”, no qual, no autoritarismo, funciona com aspectos ritualísticos de estigmatização e perseguição. Duas citações esclarecem o ponto: “A mera existência do Outro é motivo de irritação. Todos os outros são ‘muito espaçosos’ e devem ser recolocados em seus limites, que são os limites do terror sem limites.” (Adorno; Horkheimer, 1985a, p. 171). Em outro contexto: “O patológico no anti-semitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar.” (Adorno; Horkheimer, 1985a, p. 176)

¹⁰ O conceito de angústia no ensaio de Franz Neumann aponta para diversos aspectos. Para o autor, a angústia tanto pode ser real, como pode ser neurótica. A primeira é baseada no diagnóstico das transformações iminentes da sociedade, a segunda, resultado da conspiração, propaganda e da criação de um sistema alucinatório coletivo. A angústia, em geral, é baseada numa percepção de degradação social, podendo ser econômica, religiosa, política ou racial. Para Neumann eles são fundamentais para a criação de movimentos de massas afetivos, pois congregam uma unidade a partir de uma sensação coletiva de perda ou degradação (Neumann, 2017 [1954]).

Neumann propõe um nexo entre a sensação de angústia e um padrão de identificação com o líder autoritário. A partir de uma leitura freudiana, Neumann sugere que a angústia atua como uma espécie de “cimento” que permite a unidade das massas. Neumann (2017 [1954]) observou uma relação entre alienação e identificação com o líder, que chamou de *identificação afetiva cesarística*. Os movimentos autoritários populistas, para o autor, são caracterizados por esse padrão de identificação, no qual as massas se veem personificadas por um líder cuja performance encarna a solução para as aflições do mundo. A busca por um líder político cesarístico, portanto, se mostra como um recuo nas plataformas de identificação política. Afinal, tal identificação afetiva, como sublinha Neumann, alimenta-se de conspirações e manipulação da angústia das massas. Sobre os movimentos de massa afetivos inclinados à dominação do líder, destaca Franz Neumann um duplo sinal de regressão: *histórica e psicológica*.

Uma vez que a identificação das massas com o líder concerne à alienação, a identificação sempre constitui uma regressão, uma dupla regressão. Por um lado, a história do homem é a história da sua emergência da horda primitiva e de sua progressiva individualização; portanto, a identificação com um líder em uma massa é um tipo de regressão histórica. Esta identificação é também um “substituto para um laço libidinal objetual”, e, portanto, é uma regressão psicológica, uma ferida do Eu, ou talvez até mesmo a perda do Eu. (Neumann, 2017 [1954], p. 119-120).

A teoria da identificação é um ponto comum presente nas interpretações de Freud, Adorno e Neumann. É na identificação que se cultivam os elementos de unidade e identidade da massa. No entanto, dada as condições de mobilização do ódio, como destaca Freud (2011 [1921]), a imposição do medo como uma segunda natureza, como sublinha Adorno (2015a [1955]), e a identificação afetiva cesarística baseada no sentimento de angústia, como observou Neumann (2017, [1954]), são dimensões que particularmente orientam os movimentos de massas para uma tendência autoritária e personalista.

Do diálogo entre a teoria crítica e a psicanálise de Freud, encontramos elementos relevantes para uma discussão sobre o populismo contemporâneo. No populismo, o líder apreende os sentimentos de descontentamentos sociais e os estímulos para uma orientação das massas. Nesse sentido, o líder assume uma *performance* que congrega tanto o herói como a materialização do destino a ser realizado a partir das forças do uníssono das massas. Nesse cenário, o outro é o objeto da violência e, em seu sacrifício, o líder indica a resolução das aflições coletivas. O populismo, nessa leitura da teoria crítica e psicanalítica, apresenta-se como um movimento regressivo, uma vez que é baseado em padrões de identificação cesarística, nos quais a identificação com o líder perpassa um momento de alienação entre realidade concreta e uma noção de falsa concretude.

No sentido de uma reflexão sobre o populismo de direita de viés autoritário contemporâneo, a questão da angústia e dos medos sociais parecem estar muito mais no âmbito da percepção equivocada e da construção de cenários alucinatórios coletivos. As redes sociais são fundamentais para a produção de um sentimento de medo e angústia social (real ou imaginada). Como percepção dos eventos políticos atuais em que o populismo sai às ruas, nota-se o uso de propagandas e slogans que têm sentido em um medo inventado, como por exemplo, o medo do comunismo, o medo da dissolução da família e o medo da perseguição dos cristãos. Em um sentido pragmático da reflexão, a economia capitalista, a família e a religião não mostram sinais de perigo na sociedade contemporânea. Percepções de crítica ao modelo econômico, familiar e religioso são logo transformadas em combustível para sinalizar perigos de mudanças que não demonstram sinal de força suficiente para pensarmos a realidade da demanda. Em outras palavras, há certa habilidade pragmática da direita populista atual em instrumentalizar medos imaginários e colocá-los como realidade concreta para os simpatizantes do populismo.

O assombro do leitor da sociedade se dá no fato das pessoas “acreditarem” que suas formas de vida econômica, familiar e religiosa estão em risco no mundo contemporâneo, mas, pensando com a teoria crítica e a psicanálise, deve-se elaborar a questão por um outro lado, isto é, o populismo como uma forma de administração da afetividade política. Nesse aspecto, o âmbito que iremos alegar a partir do registro do “irracional” passa a adentrar uma racionalidade própria e produzir fenômenos de adesão política muito nublado para uma lente de análise que olha para a identificação tradicional à ideologia. A adesão no campo da afetividade, como vimos ao longo do ensaio, atravessa outro prisma de referenciais e sentimentos, que produzem novos sentidos para a participação política.

4. ANGÚSTIA, RESSENTIMENTO E O POPULISMO CONTEMPORÂNEO

A ideia aqui é pensarmos como a identificação entre líder e massa perpassa por um jogo de mobilização de elementos afetivos, tais como a angústia e o ressentimento¹¹. A conceitualização do populismo como um fenômeno político de massas, no qual um líder congrega as esperanças dos indivíduos e as performa numa linguagem de violência contra o outro e assim cultiva um tipo

¹¹ No sentido de uma vinculação do ressentimento com os aspectos de dominação populista, Kehl (2020) argumenta o aspecto reativo desse afeto e sua existência condicionada a um não-reconhecimento como sujeito autônomo: “Por isso, o ressentimento na sociedade brasileira não é, como pode parecer, o primeiro passo para uma efetiva virada no jogo do poder. A passividade da posição ressentida não permite que as pessoas se percebam como agentes no jogo de forças que determina suas vidas. O ressentimento é o terreno dos afetos negativos, da vingança imaginária e adiada, da memória que só serve para a manutenção de uma queixa repetitiva e estéril.” (Kehl, 2020, p. 195).

específico de identidade. Essa é uma identidade que congrega as individualidades numa formação de unidade política. Na relação do líder populista e das massas, a identificação perpassa um momento de afeto político compartilhado. Essa equação faz parte das dinâmicas do populismo contemporâneo. Seu engajamento, reflexo das transformações da sociedade em rede, é tanto na organização de massas em protestos, como também, no recrutamento e na propaganda via redes sociais. As redes sociais, num sentido prático da discussão, amplificam o alcance da propaganda e das situações que provocam o pânico econômico, moral e religioso. A adesão ao populismo, portanto, confere ao indivíduo o sentimento de pertencimento, embora harmonizado por meio de sentimentos negativos como a angústia e o ressentimento.

Franz Neumann (2017 [1954]) destacou na angústia o elemento decisivo para uma adesão das massas aos caminhos do autoritarismo. Para ele, na relação entre o líder e a massa, a angústia confere os aspectos primordiais para uma “concretude” do diagnóstico da sociedade, presente na propaganda populista. Cria-se, portanto, um universo de sentido à parte da concretude, que, para Neumann, reflete uma outra camada da alienação na modernidade.

Em *Aspectos do novo radicalismo de direita*, Adorno (1967 [2020]) destaca o papel da perduração do ódio como fonte de operação política da direita. Ódio, medo e as ansiedades sociais, nesse sentido, são partes integrantes para o engajamento da direita, especificamente em seu viés populista e nacionalista¹². Desse ponto de vista, a direita radical traduz em termos políticos ansiedades sociais como o desemprego, a segurança e a identidade nacional. O movimento do radicalismo de direita é mistificar as origens das transformações, formando um tipo de culpa direcionada ao *Outro*.

Do ponto de vista do exame do problema da ascensão do populismo, a observação de

¹² As transformações sociais promovem percepções de medo e ansiedade social, embora sejam imanentes à história e à cultura. Pensando sociedade como algo que não é estático, portanto, pressupõe a transformação e a reorganização, a título de exemplo sublinhamos duas transformações decisivas para as percepções angústia e ressentimento presente em movimentos populistas de direita atuais. A primeira delas, assinalada por Horkheimer em *Autoridade e família*, são as reconfigurações da autoridade paterna na modernidade e a modificação da família. Para ele, um processo de questionamento da tradição coloca em questão o papel da autoridade no âmbito privado. Na modernidade, os elementos de autoridade que perdem seu aspecto tradicional se mostram cada vez mais ligados ao âmbito do condicionamento econômico. Para ele, a unidade da família se transforma na modernidade tendo sua unidade questionada a partir do ganho de autonomia de seus membros. Uma outra transformação moderna que podemos apontar é a assinalada por Robert Kurz (1997a) como uma crítica à visão progressista do passado colonial. Para Kurz, uma crítica do “domínio do homem branco” é um movimento de objeção às heranças do passado, tal como, a exposição dos aspectos patológicos da tradição. O passado, antes visto do ponto de vista das vitórias e das grandes conquistas, contemporaneamente, por meio da historiografia, é exposto a partir da história da usurpação, violência e destruição. Naturalmente, esses são dois aspectos presentes nas transformações contemporâneas. De modo geral, família e história (sobretudo a história da nação) são colocados sob a perspectiva de uma guerra cultural na qual, grupos reativos aos aspectos tradicionais opõem-se às críticas e ao revisionismo da história e da cultura. Do ponto de vista da teoria crítica, tal entendimento sobre o caráter estático da sociedade confronta-se com a perspectiva imanente dessas transformações modernas. A angústia, o ressentimento e o medo, do mesmo modo que funcionam com aditivos para o populismo, nacionalismo e autoritarismo, são resultados da alienação e um entrelaçamento da falsa concretude.

Adorno encontra ressonâncias nos contornos da emergência mais recente do fenômeno. O outro, no populismo contemporâneo, foi construído a partir da imagem do imigrante, do ativista, do defensor dos direitos humanos, da livre imprensa e da universidade. Na linguagem violenta do populismo, a questão do desemprego, da identidade cultural e da segurança são transformadas numa oposição imediata a esse Outro, que, desse ponto de vista, atuam como os adversários da identidade valorizada dentro da política populista. Quando no poder, o populismo reivindica a maioria eleitoral como argumento para o desrespeito às diferenças. No populismo, as identificações afetivas se baseiam num sentimento de oposição ao outro que, pensando novamente em Adorno, revela uma angústia em relação a própria identidade, na medida em que, ao se comparar e se espelhar em formas míticas do passado ela sempre se confrontou com o sentimento de risco da mudança. Adorno (2020 [1967]) chama esse aspecto do radicalismo de direita de “fantasmas de um fantasma”, que se conduz pela percepção e crença na grave situação do presente (Adorno, 2020 [1967], p. 56).

Nesse sentido, cumpre uma função importante na unidade de sentimentos do populismo a propaganda que, para Adorno: “Essa propaganda serve menos para disseminar uma ideologia, que é demasiado pobre, como lhes disse, e mais para tornar as massas engajadas. A propaganda é, portanto, sobretudo uma técnica de psicologia das massas.” (Adorno, 2020 [1967], p. 67). A propaganda, como forma de promoção do engajamento das massas, é uma ponte para adentrarmos aos aspectos do ressentimento. Afinal, a performance do líder, de modo geral, assume a performance do ressentido. Em outro sentido, a propaganda no populismo também assume os contornos da “versão oficial” dos fatos, isto é, a verdade populista. Por esse motivo, instituições de difusão de informação e produção de conhecimento, como é o caso da imprensa e da universidade, são imediatamente o alvo de uma política de descrença por parte do governo populista.

No sentido de uma interpretação sociológica do ressentimento, foi Max Scheler quem propôs as primeiras linhas para uma compreensão do ressentimento como uma “unidade de vivência”. Para o autor alemão, o ressentimento se define como uma emoção repetida, um revivenciar, uma emoção no sentido negativo, diz Scheler: “Ressentimento é um envenenamento pessoal da alma, com causas e consequências determinadas.” (Scheler, 2012, pp. 47-48). Para nosso argumento, no entanto, sua contribuição mais decisiva se dá no vínculo entre o ressentimento e a formação de grupos sociais. De acordo com o argumento dele, o ressentimento opera como uma vivência que pode se estruturar no corpo social, pois se baseia na contínua comparação e no sentimento de inferioridade diante do outro.

Maria Rita Kehl (2020) complexifica o argumento dessa constelação afetiva. Para a autora, o

ressentido, ao atribuir seu sofrimento ao outro, projeta uma espécie de vingança imaginária (irrealizável), na medida em que sente-se como não como derrotado, mas sim como um injustiçado. Pensando o argumento do texto, a relação entre ressentimento e política se aproximam em dois aspectos do argumento de Kehl (2020): o primeiro deles é o entrelaçamento do ressentimento com as práticas do paternalismo autoritário brasileiro, especificamente o sentimento generalizado da “resolução” dos problemas por meio da ação do líder; o segundo ponto é da operação do ressentimento como limitador da autocrítica na política, pois toma a derrota histórica no sentido particular da injustiça (Kehl, 2020, pp. 22-23).

A partir do primeiro ponto, isto é, o ressentimento e sua relação com o líder paternalista, Kehl destaca o ressentido como uma personagem que atrai simpatia: “Pois parece revestido de uma superioridade moral inquestionável.” (Kehl, 2020, p. 23). Num sentido do argumento do diálogo entre o líder e as massas que desenvolvemos ao longo do texto, a ligação do ressentimento com uma formatação de personagem é importante. Encontra-se no argumento da psicanálise de Freud e na teoria crítica de Adorno que o líder, de fato, performa um tipo específico de sentimento desejado pelas massas. Sua performance é o aspecto central de sua propaganda, dado que congrega na linguagem violenta os antagonismos, ressentimentos, angústias e sua percepção de justiça atinada à da massa. Kehl destaca essa apresentação: “O personagem ressentido é eficiente em mobilizar tanto a *identificação* (do leitor, do espectador etc.) quanto a *má consciência*. Alguém sempre há de sentir-se culpado pelo silêncio acusador do personagem ressentido.” (Kehl, 2020, p. 23, *grifos nossos*).

Portanto, a performance do líder, em seus aspectos de angústia e ressentimento, apresenta-se como o elemento primevo para uma identificação com as massas. No sentido apresentado por Kehl (2020), o ressentimento possui afinidades com o conservadorismo, em razão de operar por um desejo à ordem. Nas modernas democracias o ressentimento emerge como “pseudo-soluções” para os problemas da modernidade que, para a autora, podem criar laços de identificação, sobretudo: “As classes decadentes que sentem humilhadas com a perda de sua posição se ressentem, acima de tudo, contra os que, situados em lugar inferior a eles na hierarquia social, não se deixam humilhar.” (Kehl, 2020, p. 174).

Dunker (2015), em seu argumento desenvolvido em *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, destaca que, das maneiras de sofrer na modernidade capitalista, insere-se um tipo de lógica - a vida em forma de condomínio - no qual os problemas públicos de saúde mental são reorganizados a partir de uma lógica de gestão. Nesse contexto, as comunidades humanas já não conferem o substrato para um cultivo positivo da sociabilidade. A forma de vida do condomínio, como

comunidade fracassada, apresenta os aspectos reificados da modernização. Para Dunker (2015), uma das patologias sociais de nossa época é justamente o ressentimento¹³.

O ressentimento é um efeito estrutural da soberania excessiva do Outro, da consolidação fantasmática de sua onipotência, por identificação redutiva a uma alteridade encarnada e positiva. É fácil perceber como o ressentimento prospera naqueles que se sentem excluídos pelos muros do condomínio. (Dunker, 2015, p. 66).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do ensaio, os estudos de Freud e da teoria crítica a respeito da relação entre o líder e as massas iluminam alguns aspectos do desenvolvimento contemporâneo do populismo. Não se conformando com um fenômeno inédito, a crise da democracia, o populismo e o autoritarismo, se mostram mais compreensíveis à luz da experiência teórica documentada na psicanálise e na teoria crítica. Revisitando tais escolas de pensamento, assim, aguçamos o olhar para os contornos das novidades da história, sem perder de vista, no entanto, os elementos estruturais que persistem em reaparecer.

Do ponto de vista da psicanálise e da teoria crítica, o diálogo das massas com os líderes ensina a importância da abertura teórica para a compreensão de sentimentos. Angústia e ressentimento são lidas para além de seu aspecto de sensação psicológica. Elas se conformam como elementos centrais nas plataformas de identificação. Na questão do populismo contemporâneo, o ressentimento atua como “cimento” para a agenda de política reativas.

Derivam dos aspectos regressivos encontrados na relação entre a massa e o líder os pontos mais problemáticos da crise democrática atual: o aparelhamento das instituições do Estado, o personalismo político, o ataque às liberdades de imprensa, o autoritarismo da maioria eleitoral, o desrespeito e a culpabilização do outro. Os recentes episódios de tentativa de golpe de Estado são sintomas de uma crise profunda da democracia liberal. A democracia como forma de governo sobreviveu resiliente no caso do Brasil e dos Estados Unidos. No entanto, dado o aumento da tensão e as pressões populistas por sua abolição e substituição por formas de governo autoritária, cabe aos pensadores críticos se perguntarem: quais alternativas para o estado atual das coisas? Compreender a complexidade dos processos de identificação afetivo e seu papel na política mostra-se essencial para formulação de um pensamento teórico e prático de transformação da sociedade. Aqui cabe a

¹³ Outras patologias encontradas nas formas de vida de condomínio de acordo com Dunker (2015) são: o ressentimento, o cinismo, a degradação do sentimento de respeito e o sentimento de exílio e isolamento.

ideia de transformação, uma vez que, ao recuar para um lugar imposto de defesa da democracia liberal, a esquerda não pode se esquecer de seu papel propositivo e crítico às injustiças e exclusões da democracia liberal.

A direita populista de viés autoritário interpreta os sintomas da crise contemporânea no âmbito dos riscos para sua própria forma de vida. No entanto, pensando em um campo mais amplo, a democracia liberal está em constante crise, sobretudo por se estruturar como lugar de exclusão. A baixa representatividade da população negra, a violência política contra as mulheres e a defesa de interesses elitistas na política são problemas inerentes à forma da democracia liberal. Nesse sentido, a crise tem um aspecto realista, uma vez que a esfera pública da política mainstream, de fato, não se mostra representativa para com as demandas sociais de uma sociedade como a brasileira. A crítica ao populismo de direita não pode levar ao esquecimento dos problemas da democracia liberal. Do ponto de vista da organização da esquerda política, é relevante manter um olhar propositivo de transformação das instituições rumo a uma política que seja de fato representativa. Por fim, o ponto de crítica deve ser elaborado em direção aos potenciais regressivos de movimentos políticos que visam tornar a democracia uma forma de governo regressiva, ou seja, tomar as instituições para produzir formas de governar baseadas na exclusão do outro.

REFERÊNCIAS

- ABROMEIT, John. A teoria crítica da Escola de Frankfurt e a persistência do populismo autoritário nos Estados Unidos. In: *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e modernidade*. V. 22, n.1, 2017.
- ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015b [1946].
- ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015c [1951].
- ADORNO, Theodor W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015a [1955].
- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo, Editora Unesp, 2020 [1967].
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Elementos do antissemitismo: Limites do esclarecimento. In: *Dialética do esclarecimento - fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento - fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985b.

- ALLEN, Amy. O fim do progresso. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2, n. especial, 2018.
- BENHABIB, Seyla. Breves reflexões sobre o populismo (de esquerda ou de direita). In: *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, V. 3, n.2, Dossiê Theodor W. Adorno, 2019.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. I Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 2012 [1935-1936].
- BENJAMIN, Jessica. O fim da internalização: psicologia social de Adorno. In: *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*. V. 1, n. 1, Dossiê: Teoria crítica e psicanálise, 2017.
- COHN, Gabriel. *Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje*. Lua Nova, São Paulo, n. 43, 1998.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. *National Populism – the revolt against liberal democracy*. Pelican Books. 2018.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a [1917].
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das letras, 2011 [1921].
- FREUD, Sigmund. A negação. In: *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b [1925].
- GANDESHA, Samir. Understanding Right and Left populism. In: *Critical Theory and Authoritarian Populism*. London: University of Westminster Press. 2018.
- HARCOURT, Bernard E. Introdução ao populismo de esquerda. In: *Dissonância: Revista de Teoria crítica*, v.3, n.2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2019.
- HORKHEIMER, Max. Autoridade e família. In: *Teoria crítica: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1936].
- KURZ, Robert. Supressão e conservação do homem branco – uma visão retrospectiva do colonialismo e anticolonialismo no limiar do século XXI. In: *Os últimos combates*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997a.
- KURZ, Robert. One world e nacionalismo terciário. In: *Os últimos combates*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997b.
- KURZ, Robert. *A democracia devora seus filhos*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto

Alegre: Rio Grande do Sul, Zouk, 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.
NEUMANN, Franz. Angústia e política. In: *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 1, n. 1, Campinas, 2017 [1954].

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio De Janeiro: Zahar, 2020.

RENSMANN, Lars. The persistence of the authoritarian appeal: On Critical Theory as a framework for studying populist actors in European Democracies. In: *Critical Theory and Authoritarian Populism*. London: University of Westminster Press. 2018.

ROUANET, Sérgio Paulo. Teoria crítica e psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1986.
SCHELER, Max. O ressentimento na construção das morais. In: *Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes; Bragança Paulista, São Paulo, Editora Universitária, 2012.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, São Paulo, Editora Unicamp, 2020.

TORMEY, Simon. *Populism*. One World Publications. 2019.

Licença e Direitos:



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).